

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de . Maria Alice Rezende de Carvalho (depoimento, 2016). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 30min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Maria Alice Rezende de Carvalho
(depoimento, 2016)**

Rio de Janeiro

2021

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: João Marcelo Ehlert Maia;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 28/07/2016 a 28/07/2016

Duração: 1h 30min

Arquivo digital - áudio: 2;

Temas: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS); Bolsas de estudo e de pesquisa; Carreira acadêmica; Ciências Sociais; História; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Luiz Jorge Werneck Vianna; Movimentos sociais; Pontifícia Universidade Católica; Pós - graduação; Sociologia; Universidade Estadual de Campinas;

Sumário

Entrevista: 28/07/2016 Historiadora; mestrado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); doutorado em Sociologia no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); no segundo ano do doutorado iniciou como professora de Sociologia na Pontifícia Universidade Católica (PUC); no projeto 'Favela Bairro' se descobre socióloga; pesquisas por encomenda e coletiva; trabalho em grupo; pesquisa nacional sobre o perfil do cientista social; pesquisa sobre o retrato da magistratura; preparação das aulas; divisão de turma com Luiz Werneck Vianna; dissertação de mestrado chamada 'Cidade Fábrica'; contato com Joselice Jucá, que possuía os cadernos de Rebouças e havia escrito a tese de doutorado sobre ele; experiências como orientadora e orientanda; segunda vez como professora da PUC em 2008; aulas para a graduação; ensino e formas de avaliação na graduação; relação com alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC); demandas de pesquisas que tem a ver com o papel público na cidade, principalmente do Rio de Janeiro; conselheira do Instituto Pereira Passos (IPP); pesquisa acadêmica; escrita de livros ou artigos; publicação de artigos em revistas para melhoria da nota do programa na PUC; o novo perfil de cientista social sendo formado; processo da escrita; já foi coordenadora da pós-graduação da PUC; parte do conselho editorial da Revista Ciência Hoje; presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS); a vida universitária e a vida de movimentos sociais.

Entrevista: 28/07/2016

J – Rio de Janeiro, 28 de julho, PUC, entrevista com Maria Alice Carvalho. Maria Alice obrigado por ter concedido a entrevista. Primeira pergunta, você é historiadora?

MA- Sou.

J – Em que momento você começou a atuar profissionalmente como cientista social, quando isso veio para você? “Sou uma profissional das Ciências Sociais.”

MA – Bom, esse processo foi o seguinte. Eu fiz o mestrado na UNICAMP e quando eu voltei ao Rio em 1983, 83..., não havia um doutorado de História no Rio de Janeiro. O da UFF, se não me engano, não existia ou estava começando, mas, não era reconhecido... enfim, eu tive um problema na continuidade da minha formação. E havia no Rio de Janeiro, Ciências Sociais no IUPERJ que era a coisa que me parecia mais próxima do que estava estudando, que era a história social da cidade. E eu fui fazer doutorado em Sociologia. Quando eu estava no segundo ano, eu dava aula na PUC. Quando eu estava cumprindo os créditos ainda, provavelmente, no segundo ano do doutorado em Sociologia me chamaram para fazer parte do quadro de professores. E por quê? Porque na época se queria uma renovação, se queria não só um recrutamento de jovens, um corpo mais jovem do que existia, e pessoas com interesses diversificados, que não fossem estritamente disciplinares porque a ideia era fazer uma coisa que outras disciplinas pudessem contribuir com a formação dos alunos. Esse projeto não foi bem cumprido, mas, no final trouxe uma variação dentro do instituto e eu acabei entrando. Então, foi a primeira vez que eu me vi não como historiadora, mas como socióloga, aliás como professora de Sociologia. Essa ideia da socióloga acho que veio muito mais tarde.

J – Como veio a ideia de socióloga não só como da professora?

MA - A ideia de socióloga veio de uma pesquisa de avaliação do programa ‘Favela Bairro’. Porque foi em 1984... não, foi ainda em... foi em meados de..., eu estou fazendo uma confusão com as datas, porque eu acho que fui para lá em 1988. Eu defendi a dissertação de mestrado em 1984, eu estava cursando quando eu fui chamada, nós fizemos um *statements*, várias pessoas fizeram, vários jovens de outras áreas fizeram, entramos eu, Ricardo Benzaquem e Luiz Eduardo Soares. Aí em 1988. Eu ainda dava aula na PUC até 88, mais ou menos. Em 1992 começou o projeto ‘Favela Bairro’ e em 1994 o Banco Mundial, a FINEP e a secretaria de habitação resolveram fazer uma avaliação da primeira fase do projeto ‘Favela Bairro’. Foram convocados pesquisadores nesse tema cidade e favela, eu acho que de todas as universidades

do Rio. Pessoas que trabalhavam, estudiosos da área da História, de Sociologia, de Arquitetura, muita gente de Arquitetura, nós integramos esse grupo. Eu trabalhei com Marcelo Burgos nessa ocasião, Zairo Cheibub, um jovem mestrando que eu esqueci o nome dele, Marcelo alguma coisa, que trabalhava também nessa pesquisa. E nós fomos fazer parte desse programa de avaliação. E aí foi uma imersão na profissão porque eu entrava em contato com a pesquisa. Não era apenas um conhecimento dos textos, da narrativa teórica, eu tive que ir para campo, eu tive que construir um sentido do campo, um campo que é diferente do antropólogo, o que é o campo do sociólogo? Enfim, foi uma descoberta.

J – E como era a pesquisa na prática, era entrevista, observação?

MA – Não, era um questionário. Mas, na verdade, a avaliação incluía muitos aspectos. Enfim, desde a eficácia do saneamento, alteração dos índices de escolaridade, enfim os efeitos que esse programa poderia trazer. Eu formulei a hipótese de uma ampliação da solidariedade, da vida comunitária, coisas que tinham a ver com o que se chamavam na época, hoje esse termo perdeu um pouco a vigência, mas, era cultura cívica. Então, se o programa afetava ou não, se isso era passível de ser mensurado, e nós tivemos como resultado a construção de um questionário que deveria ser aplicado antes e depois. Isso seria o nosso acerto. Era o resultado do projeto, então para construir esse questionário é que fizemos a pesquisa. A pesquisa tinha de tudo. Ela tinha desde observação até perguntas, testes sucessivos sobre perguntas que funcionavam e perguntas que não funcionavam, fomos a campo várias vezes, fizemos um recorte aleatório, que deu um enorme trabalho. Nós contratamos um estatístico do IBGE para fazer a designação de clusters na favela. Isso tudo foi um aprendizado porque na minha história, graduada, com mestrado em História, eu nunca tinha feito coisa parecida. Então, foi aí que eu comecei a entender que eu estava finalmente em uma outra prática, vivenciando uma outra disciplina. Porque enquanto você é professor é mais ou menos cambiável a ideia de você ensinar um texto de Jaques Le Goff e Weber. Quando você vai desempenhar a pesquisa é que eu acho que os protocolos são bastante diferentes. Realmente, você se identifica aqui e ali como praticante dessa disciplina, eu acho que tem a ver com o método que define efetivamente a sua inscrição em uma área de trabalho, uma área de estudos.

J – Depois você passou muito tempo no velho IUPERJ...

MA – 20 anos.

J – Eu lembro que você fez muitas pesquisas, é interessante que essa primeira pesquisa foi por demanda. Era comum? Como surgia sua agenda de demanda na época, como pesquisadora?

MA – Era comum, a pesquisa por demanda era comum. Essa pesquisa teve uma grande repercussão na época, ela foi por demanda. Imediatamente depois, nós trabalhamos num... Aliás, eu acho que essa pesquisa até não teve uma grande visibilidade. Primeiro porque o programa na sua primeira fase foi concluído, esse programa ‘Favela Bairro’, mas o final dessa pesquisa já estava operando junto com outro que era a pesquisa sobre cientistas sociais e vida pública, que foi uma pesquisa nacional que essa tinha a ver com as nossas intenções que era pensar o que é que o perfil do cientista social, se ele está mudando, se ele não está mudando, aí nessa pesquisa nós construímos uma espécie de laboratório de profissões intelectuais. Primeiro trabalho foi esse com algumas graduações, depois nós chegamos a fazer uma pesquisa sobre pós-graduação e essa não foi exatamente por demanda, mas foi a caracterização de uma coisa que eu acho que aprendi também no IUPERJ que é o trabalho em equipe, o trabalho em grupo. Porque o historiador é claro que ele trabalha em grupo, claro que ele tem um trabalho coletivo...

J – Mas, o embate com a fonte...

MA – Mas, é diferente, é diferente. Mesmo quando você traz outras pessoas o manejo com o material é mais autoral, muito mais autoral do que no caso da Sociologia. E nesse momento nós constituímos um grupo que era o Werneck, o Manoel Palácios, que também era um de lá, o Marcelo Burgos, que também era um de lá, e eu. E esse grupo, logo depois da discussão sobre cientistas sociais, ele foi convidado a fazer uma pesquisa sobre os juízes.

J – Para uma associação...

MA – Para a associação dos magistrados brasileiros. Essa pesquisa foi uma encomenda, quer dizer, o desembargador Miranda Rosa telefonou para o IUPERJ e conversou com o Werneck se ele toparia fazer um retrato. Nós tínhamos acabado de fazer um retrato dos estudantes de graduação e isso caiu no ouvido do desembargador Miranda Rosa que estava interessado em fazer um retrato da magistratura naquela época e nós fizemos. Foi uma pesquisa que demorou porque também implicava na construção de um questionário, então nós tínhamos reuniões semanais com um grupo [interrupção da gravação]

J – Maria Alice, retomando você estava falando da pesquisa dos magistrados. Como era a dinâmica de trabalho de vocês, da pesquisa coletiva, vocês se reuniam periodicamente? Tinha uma divisão de tarefas?

MA – Nós nos reuníamos toda semana com eles, ou seja, com o grupo de magistrados. Então, nós íamos até o tribunal, onde ficava a sede da associação de magistrados, nos reuníamos em

uma mesa redonda, todos juntos, eram, acho que uns quatro magistrados e nós quatro, de diferentes áreas de atuação esses magistrados, e conversávamos sobre a montagem desse questionário. As questões de *background*, de formação e também questões relativas sobre o ofício deles, essa era a primeira etapa do questionário. Depois concepções sobre a sociedade, sobre a relação entre estado e sociedade que também foi construída com eles. Então, nós tínhamos uma agenda semanal com eles e tínhamos entre nós uns dois dias de trabalho, que nós depurávamos aquelas questões, organizávamos as leituras.

J – Dois dias semanais?

MA – Dois dias semanais. Quer dizer nós nos encontrávamos algumas horas, duas vezes por semana, primeiro porque a gente tinha que assimilar o resultado da nossa conversa com os magistrados, um pouco estudar a configuração do questionário, depois porque havia também uma literatura que nós tínhamos que entrar em contato e discutir. E nós fazíamos tudo, todos. Não havia uma divisão de tarefas nessa etapa.

J – Você é o cara quanti...

MA – Não, não tinha. Nós todos fazíamos tudo. Evidentemente, os talentos eram diferentes, então o Manoel sempre entendeu de programas como SPS...

J – SPSS.

MA – Então, trabalhava mais nessa linha. O Marcelo também foi genial na operacionalidade da coisa, sobretudo, numa época que nós tivemos que mandar 1000 e tantos questionários pelo correio, que 1000, era muito mais que 1000, para fazer com que respondessem um questionário impresso. Isso demandou uma articulação com a direção dos correios, pois eram pacotes e pacotes que chegavam no Rio de Janeiro. Essa parte operacional o Marcelo desempenhou muito bem. Então, todo mundo fazia tudo, mas os talentos se manifestavam de formas diferentes.

J – E a análise de dados como foi isso?

MA – A mesma coisa. Era tão estranha essa maneira de trabalhar porque nós sentávamos os quatro para redigir.

J – Presencialmente?

MA – Presencialmente. Nós redigíamos com a presença dos quatro operando. Às vezes o Marcelo, não me lembro se na época o Marcelo ainda estava escrevendo a tese de doutorado, se tinha alguma complicação que algum de nós não podia ir, compareciam os três. Mas, no ‘Corpo e Alma da Magistratura’, se não me engano o Marcelo aparece como estagiário, ele não aparece como autor do livro, ele chegou a aparecer na segunda pesquisa. Então, os três, eu, o

Manoel e o Werneck sentávamos em volta do computador, eu em geral eu escrevia, e a gente ia opinando e construindo o texto nesse corpo a corpo...

J – Isso é heterodoxo...

MA – Completamente. E achavam muito engraçado e muito esquisito que essa coisa se operasse no IUPERJ. Eu lembro que alguém presenciou isso, nossa atividade de elaboração, mas, era tanta a crença no texto e na ideia de que aquele texto ele tinha que ter uma certa leveza por um lado, mas por outro, nós estávamos enfrentando um vocabulário que não era o nosso, nós tínhamos que ter uma fidelidade com o que estava sendo dito, e a maneira como estava dito, um campo semântico que nós não controlávamos muito bem, então nós fizemos um exercício onde os três participavam dessa reconstrução do que a gente ouvia nas reuniões com os desembargadores.

J – Nessa época do IUPERJ que você estava atuando como cientista social, você conseguia ter uma divisão sua, do seu tempo, por exemplo, hoje eu vou preparar aula, amanhã eu vou ficar em casa lendo, vou ler no IUPERJ, você tinha essa clareza?

MA – Tinha.

J – Como funcionava essa preparação?

MA – A aula para mim sempre foi, até hoje, o grande marcador da minha semana. Eu preparo todas as minhas aulas, inclusive hoje, depois de 40 anos de ofício. As minhas aulas, algumas são escritas, ainda que eu não leia, eu escrevo...

J – A mão?

MA – É... Eu escrevo a mão, na época (...) eu tinha um caderno e hoje eu boto no computador. São aulas que eu tenho encadernadas, em cadernos, eu trabalho com cadernos, eu trabalho preparando.

J – Você escreve texto ou tópicos?

MA – Depende. Eu escrevo tópicos quando são autores que eu controlo muito. A essa altura é quase impossível escrever um texto, mas eu já escrevi muitos textos quando eu controlava menos alguns autores. Repara que a aula para mim começou a ter uma importância imensa porque eu vinha da História, eu tinha tido uma formação em Sociologia que era apenas algumas poucas disciplinas de Sociologia Clássica e Sociologia Contemporânea que não me davam segurança para atuar como professora num programa de pós-graduação de mestrado e doutorado, em alguns casos com colegas meus, que eu tinha que desempenhar por exigências

que eram minhas, pessoais. Então, a preparação da aula era de fato o lugar de onde partia o calendário. Começava pelo tempo dedicado a preparação da aula.

J – Que era grande?

MA – Muito grande, muito grande. Eu gastava pelo menos uns dois dias da minha semana preparando a aula da semana seguinte. Isso implicada em escrever, ler, arrumar, pensar numa forma mais interessante de apresentar aquilo que eu tinha aprendido, organizar os meus cadernos. Eu ia bem preparada para as aulas.

J – Você levava os cadernos para as aulas?

MA – Não levava não, não levava os cadernos. Eu levei os cadernos, por exemplo, num curso que eu dei com o Werneck que nos demos juntos no IUPERJ. Nesse caso eu levei o caderno porque o Werneck tem uma forma de apresentar a aula que é totalmente diferente da minha. Ele disserta de uma maneira personalíssima do que ele acha do autor e eu tenho um compromisso que é demarcar na primeira parte da aula, sobretudo, em aulas de pós-graduação o que o autor está tentando construir. E depois na segunda parte, eu reconstruo analiticamente, aí mais pessoalmente, o que eu acho que poderia ser o rendimento heurístico da pesquisa dele, do trabalho. Então, eu levava um caderno que era uma forma de segurar um pouco o Werneck. Eu propunha uns tópicos e nesse caso funcionou magnificamente, magnificamente, os alunos adoraram e o Werneck gostou também porque em determinados momentos era uma forma de....

J – Domesticação no bom sentido...

MA – Ele tinha que aterrissar porque ele estava fazendo uma digressão e eu puxava de alguma forma para o texto novamente “Olha, o que você está dizendo no texto aparece assim e assim” Então, eu tinha que ter um mapa mais ordenado do que poderia ser esse nosso diálogo. Esse foi um curso que eu dei com o caderno, mas de um modo geral eu não levo caderno nem para a graduação nem para a pós-graduação. Agora para a graduação eu tenho levado umas fichas com tópicos que são coisas que eu não posso deixar de falar que fazem parte da formação deles, então quando você dá aula muitos anos na pós-graduação você pressupõe que eles conheçam alguns textos básicos e eles não conhecem. Então, eu tenho que destacar numa fichinha o mínimo que eles têm que conhecer daquele texto para depois eles fazerem as suas respectivas apropriações. Inclusive referências bibliográficas que podem complementar momentos específicos da leitura que eles fizeram, então eu faço uma fichinha. Mas, eu acho que continua sendo o grande embate com a minha profissão é a construção da aula.

J – A preparação da aula. Ainda no seu tempo de pesquisadora do IUPERJ, você também teve suas pesquisas autorais, o seu doutorado, como funcionava o seu trabalho solitário? Você tinha um tempo reservado para isso ou eram nas janelas que a vida te oferecia?

MA – A primeira pesquisa foi sobre o Rio de Janeiro que é sempre o meu lugar de trabalho mais lúdico, que eu realmente me divirto fazendo, eu acho engraçado, eu leio sempre. E naquela época ele tinha mais presença porque eu tinha acabado de escrever uma dissertação de mestrado, que é a ‘Cidade Fábrica’, que tinha tudo a ver com o Rio de Janeiro, uma comparação entre Rio e São Paulo. Então, aquela pesquisa já estava pronta e os desdobramentos que vieram compuseram o livro ‘Quatro vezes Cidade’. Na pesquisa sobre o Rebouças também havia um grupo que nós havíamos constituído que era com o Morse que foi abrir esse grupo, o Richard Morse, Luiz Eduardo Soares, José Murilo de Carvalho, Luiz Werneck Vianna, Lucia Lippe, Beatriz Jaguaribe, que era o grupo sobre os americanistas que deu muitos frutos. A Lucia Lippe escreveu um livro, o Werneck escreveu um ensaio, o Zé Murilo, eu não lembro, mas, enfim a discussão com o Richard Morse acabou rendendo ensaios do Simon Schwartzman, o Filipe Arocena, que era um aluno uruguaio publicou um livro sobre Morse e os intelectuais uruguaiois, sobre os intelectuais de modo geral, então foi um grupo que rendeu muito. Eu não iria fazer sobre o Rebouças, na verdade, eu tinha um projeto de escrever sobre o Cruz e Souza, os simbolistas, os decadentistas, foi com esse projeto que eu me apresentei ao Zé Murilo, o Zé Murilo falou “Pô, mas vamos trabalhar com poesia?! Isso vai ser muito complicado...”, mas, eu acabei convencendo que dava para fazer uma discussão sobre os intelectuais decadentistas do Rio de Janeiro. A coisa começou a caminhar, mas eu nunca tinha tempo para fazer essa pesquisa. Também achei que o Zé Murilo não estava muito entusiasmado, começamos a trabalhar com os americanistas e eu resolvi escrever sobre o Otoni, sobre aquele tipo de liberalismo, etc., etc. Aí conversa daqui, conversa dali, eu cai pela literatura no Rebouças que era um grande admirador do Otoni e eu pensei vou escrever sobre o Rebouças, um pequeno artigo. Eu estava escrevendo esse pequeno artigo quando saiu em alguns desses boletins que as instituições fazem para dizer o que os seus membros estavam trabalhando, na época se tinha essa divulgação, e essa informação acabou chegando em Pernambuco nas mãos de uma professora chamada Joselice Jucá, que era da Fundação Joaquim Nabuco, que na época estava muito doente, estava com câncer, que é mãe de um cineasta agora prestigiadíssimo de Pernambuco, que fez aquele filme chamado ‘O som ao Redor’

J – Ahh, o Kleber...

MA – Na época ele era um menino.... Ela estava muito doente e mandou me chamar, me telefonou perguntando se eu poderia conversar com ela. Se apresentou, eu sou Joselice Jucá, acabei de escrever uma tese de doutorado sobre o Rebouças, ela fez na Inglaterra, eu quero te dizer que todos os cadernos do Rebouças estão aqui, se você puder vir aqui eu gostaria de passar todo esse material, inclusive a minha tese. Eu achei aquilo inusitado pela generosidade, pela lembrança, pela vontade de que aquele trabalho sobre o Rebouças continuasse. E eu fui lá. E ela estava muito doente, ela me recebeu uma vez, eu sou muito grata a ela, abriu todo o arquivo do Rebouças para mim. Eu fiquei um mês trabalhando... Aí sim, de manhã, de tarde, eu ia para uma pequena pensão que ficava próxima do instituto Joaquim Nabuco onde à noite eu ainda mexia naquilo. Eu só tinha um mês durante as férias de verão para fazer essa pesquisa. Eu apanhei uns vinte e poucos cadernos do Rebouças e foi quando eu trabalhei. Então, nesse caso foi um trabalho concentrado nas minhas férias que eu fui para Pernambuco e trabalhei especificamente com isso. O difícil foi no retorno escrever a tese porque a pesquisa estava pronta, mas eu estava fazendo a pesquisa dos magistrados, participando das aulas, construindo as minhas aulas, ainda tinha coisas do Rio de Janeiro pelas quais eu respondia, aliás eu respondo até hoje porque a minha militância urbana permaneceu, então a FINEP me chamava, não sei o que me chamava, então era uma divisão complexa por isso eu demorei tanto para escrever a minha tese de doutorado. Essa é a história de como eu cheguei no Rebouças, eu cheguei por um grupo com uma pista falsa, que era pelo Otoni, um grupo americanista, depois o Rebouças, que era um americano, mas com o tempo eu descobri que não era exatamente um americano, ele faz parte de uma linhagem do pensamento liberal Harrington, aqueles ingleses radicais, na verdade, o que acho que melhor compreende o Rebouças é a discussão que o Skinner faz sobre liberdade antes do liberalismo, que eu acho que é exatamente o pensamento do Rebouças.

J – Só para fechar os tempos do IUPERJ antes de vir para o tempo presente, como era o seu trabalho de orientadora para você? Cada orientador tem uma maneira de trabalhar, como era o seu trabalho de orientação?

MA – Ainda é muito, muito complexa essa relação para mim... eu tendo... eu sempre fui uma orientanda que teve dificuldade de apresentar problemas para o meu orientador. Eu apresentava o que eu imaginava ser as soluções, então eu só gostava de ir com o capítulo pronto, se eu não tinha tempo não aparecia lá, eu não dava justificativas de porque eu tinha sumido, eu acho que o Zé Murilo compreendeu a loucura que era a minha vida, que era estar num programa de excelência tendo que corresponder às expectativas que alguém fez, que nem eram tão

explicitas, expectativas que depositavam em mim, mas eu estava lá e ele via que eu tinha que demonstrar que eu estava em condições de pertencer aquele grupo, então ele jamais me cobrou. Eu acho que eu herdei essa ideia da paciência do Zé Murilo, porque eu lido com os meus orientandos, com o que eles querem apresentar, então eu tenho orientandos que detestam entrevistas com orientador, no sentido que eles têm mais autonomia, eles gostam de trazer as coisas que eles querem, alguns são muitos teimosos, são pessoas resistentes as observações que o orientador faz, então eu sou muito respeitosa a essas características. Na verdade, eu intervenho quando, de fato, os alunos me procuram com um problema, eu adoro. Ontem, por exemplo, eu estava conversando com uma aluna de mestrado que é ótima, que é muito boa, veio de uma boa instituição, e ela tem a certeza das pessoas muitos jovens, então, ela está fazendo uma pesquisa, me apresentou como ela vai fazer e tal, e eu disse para ela, “olha, eu acho que está um relato muito bem feito, mas a gente ainda não tem um problema sociológico para apresentar” E foi difícil o nosso embate porque, primeiro ela custou a acreditar, segundo a aceitar e terceiro a me ouvir. Mas, ela ouviu então nós construímos juntas um problema para ela trabalhar. Essa passagem do relato para a construção do problema sociológico é uma passagem no mestrado, entre os alunos de mestrado, muito difícil. Na graduação, eles aprendem, eles têm um sentimento da Sociologia, mas, no mestrado eles tem que aprender a construir problemas, reconstruir analiticamente processos e isso é difícil. Então, você só tem condição de fazer isso na relação orientador e orientando, mas essa é uma relação muito delicada porque é uma relação que são duas pessoas, na verdade, que tem que aprender a conversar, são temperamentos diferentes, ao longo do tempo já orientei, eu acho que são 25 teses de doutorado, umas 23 de mestrado, não teve nenhuma orientação que eu pudesse dizer essa é um padrão, a partir daqui eu vou definir uma forma de agir, isso comigo, não sei se existe com alguém, mas comigo não existe. Por exemplo, eu tentei uma época que tentei fazer uma rotina, pedia aos orientandos que me encontrassem pelo menos a cada mês ou a cada 21 dias, 21 dias...

J – Individualmente?

MA – Individualmente.

J – Tem uns que preferem trabalhar em grupo...

MA – Não, individualmente. Isso raramente ocorreu. Só ocorre no final, no final eu acho que bate um desespero, as pessoas querem ver você todos os dias e ficam muito desgastadas se você diz que não pode. O desgaste da relação é terrível porque nesse momento eles, eles as vezes

não precisam mais de você do ponto de vista disciplinar, mas eles precisam da sua confirmação que aquilo está certo, aquilo está bom, então eu acho que é difícil o processo de orientação. E ele depende muito de intuição, depende muito de percepção do estilo de trabalho do outro. Porque é engraçado, nós não temos estímulos apenas quando já somos profissionalizados, nós temos estímulos virtuais que vão se confirmando, então você observa que um jovenzinho já tem uma dinâmica de trabalho e, as vezes, se você quiser botar a mão ali perturba, então você tem que ter um certo cuidado porque são dois estilos de trabalho que as vezes não colam.

J – Então, depois de muitos anos de IUPERJ você veio para PUC, hoje você é professora, qual a sua...

MA – Eu sou associada II no finalzinho da carreira...

J – Você entrou quando na PUC, mesmo?

MA – Na PUC, eu cheguei aqui, nessa segunda vez, em 2008.

J – Nós temos aí quase 8 anos...

MA – Quase 10 anos.

J – Como é a tua rotina de trabalho? É similar a que era no IUPERJ?

MA – Não, completamente diferente.

J – Descreve como seria um típico dia da Maria Alice.

MA – Típico dia da Maria Alice... O que tem de comum é o fato de eu vir todos os dias, mas a cultura universitária é completamente diferente. Nós trabalhávamos em um instituto isolado, sem cursos de graduação, agora eu estou numa universidade com cursos de graduação. A cultura universitária supõe que você tem que ter um trânsito também com outros departamentos. Isso é importante não apenas na produção de sociabilidade, mas isso interfere também na política acadêmica. Coisa que eu custei muito a entender, conversar, conhecer os professores do departamento de Direito, conhecer os professores no departamento de Economia, conhecer os professores na Engenharia, essa relação supõe inclusive práticas de intercâmbio, de seminários, você tem uma presença mais visível na universidade, você precisa conhecer as pessoas, se não há interação você não é chamado para participar de seminários, de bancas, então a dinâmica do instituto isolado é muito diferente. Na universidade você faz política, essa política, a boa política acadêmica de trocar, de conhecer quem está fazendo que pesquisa em que departamento, chamar pessoas de outros departamentos que são completamente estranhas a princípio para integrar bancas, então, em primeiro lugar, esse dado não havia no IUPERJ eu tive que conquistar. Em segundo lugar, a graduação. A graduação é

uma caixa de surpresa porque você todo semestre, porque aqui tem vestibular no primeiro e no segundo semestre, entra um grupo muito jovem de alunos de graduação e são jovens mesmo. Estão entrando com 17 anos, 18. Essa idade não significa o mesmo que significava há 10, 20 anos atrás. Hoje em dia 17 anos...

J – São os novos 15.

MA – Novos 15. É uma versão muito jovial, juvenil do que seriam os 17 anos há 30 anos atrás. E você tem que ganhá-los para ideia de que a Sociologia é uma coisa muito divertida, que Sociologia pode ser uma grande festa cognitiva, intelectual, que isso pode dar prazer. Eles tendem a achar que isso tudo jamais dá prazer e acham muito engraçado quando eu digo que eu me divirto sem me desligar da Sociologia onde quer que eu esteja. E eles não conseguem isso, só vão entender isso só no final do curso quando começam a entender que eles estão operando com conceitos, que eles estão sendo capazes de construir um problema, mas isso é um processo muito lento. Para quem pega uma turma nos primeiros semestres e pega no final observar esse movimento é uma coisa gratificante, você vê quanto trabalho está investido aí. Então, por exemplo, preparar aula de graduação novamente.

J – Você prepara aqui na PUC?

MA – Sempre aqui na PUC, minha aula é preparada aqui. E também é uma dinâmica diferente porque não é tanto conhecer autores porque os autores que eu tenho que apresentar a eles são autores que eu já conheço, que eu já controlo. Mas, é como apresentar, como? A experiência que eles vão ter conhecido pela primeira vez o Weber, por exemplo.

J – E qual a sua estratégia?

MA – Eu sempre escolho uma obra, primeiro, que faça sentido para eles. Eu escolho determinadas... Tem uma coisa no método do Weber, função, alguma coisa parecida com isso, a função do sociólogo é exagerar, que isso se tornou uma espécie de refrão na turma quando eu estava dando Weber. Eu tentei fazer com eles um exercício: qual seria o refrão do Durkheim? A função do sociólogo é ordenar. E nós começamos com essa brincadeira e eles entenderam esse universo de autores, enfim pais fundadores da Sociologia. A estratégia eu acho que eles, não tem outra. E forçar um pouco a disciplina, a atenção. Não deixar que, por exemplo, a sala se perca muito, todo mundo mexendo nos seus celulares.

J – Você tem uma preocupação com o ambiente da sala?

MA – Tenho, tenho. A coisa do silêncio eu cobro. Essa coisa de conversar paralelo a aula, eu não deixo. A coisa dos multimeios eles têm ao mesmo tempo telefone, laptop, Ipad, eu peço,

em geral, para desligar quando está muito evidente, quando está perturbando. A ideia também deles participarem, eu faço perguntas nominadas, para eles acordarem, as vezes, eles estão olhando para o infinito, eu falo “Você ouviu o que eu te falei agora, nesse minuto?” A turma ri, e a gente integra ele na aula. Mas, é isso um combate, um combate, com a graduação é combate, eu saio completamente exausta porque eu falo andando, eu entro entre as cadeiras, eu vou ver no que eles estão mexendo, eu volto, eu escrevo no quadro...

J – Você explana, né? Você é daquelas professoras explanadoras.

MA – Totalmente, totalmente.

J – Você não é daquelas, “leram o texto? Me digam o que acharam?” E quando você prepara a aula, você relê tudo? Porque por exemplo, você dá aula de Marx, você lê tudo?

MA – Marx é o que mais leio, por incrível que pareça.

J – Você volta aos textos. Você lê outras coisas, por exemplo, você lê comentadores?

MA – Leio, leio comentador. Leio inclusive artigos que estão saindo agora nas revistas brasileiras porque me interessa que eles tenham um texto em português, mas para mim não só nas brasileiras. Mas, de qualquer maneira a pesquisa que eu posso fazer com comentadores. Por exemplo, sociologia contemporânea é algo que eles precisam ler, é algo complexo, depende de um debate que ainda está acontecendo, então, eu procuro cercá-los com essa bibliografia completar. Não vou dizer para você que eles leem, por isso, que é importante explicar. Então, depois da explicação tem algumas pessoas, alguns jovens que são vocacionados que gostam de teoria, esses sim fazem um programa a parte que é de leitura dos comentadores, mas não são todos.

J – Você chega a fazer *Power point*, essas coisas?

MA – Faço *Power point* quando eu dou aula de sociologia urbana que eu levo imagens de cidade, mapas, imagens de cidade...

J – Interessante. Você tem um acervo disso ou você pesquisa?

MA – Não, pois é... eu sou muito desorganizada, então, eu tenho uma coisa dispersa que eu preciso organizar na forma de programinhas, mas não tenho. Então, por exemplo, quando eu vou preparar uma aula como essa eu tenho que levar um dia antes porque tem algumas coisas que eu troquei correspondência com Fulano e o slide está lá. Outros foram apresentações que eu fiz. Enfim, eu não consegui organizar, eu tenho que montar esse mosaico. Mas, isso para eles funciona muito porque em sociologia urbana são muito legais. Porque eu dou uma espécie de história das cidades misturado com sociologia urbana. Porque a sociologia urbana já é o fim

da história das cidades. Eu começo com as cidades renascentistas e mostro as vilas do sul Alemanha, a que o Weber fazia referência quando ele discute a formação das cidades modernas. Então o que é uma cidade moderna, muralha, é o mercado, etc. Eles vão vendo isso e vão entendendo que o Weber tem uma configuração também visual, a possibilidade deles entenderem o Weber através de uma visualização do que é um burgo, depois do burgo a cidade renascentista, eles vão compreendendo até chegar a cidade industrial de massa, que é a cidade sociológica.

J – Essas estratégias de aula que você usa são da sua própria reflexão da sua experiência ou você chegava a trocar uma ideia, ler alguma coisa sobre, não digo um texto pedagógico, chegava a trocar uma ideia, é uma coisa sua?

MA – Não, não. Eu fiquei muito assustada quando eu cheguei aqui depois de vinte anos de IUPERJ e tive que encontrar uma fala, uma voz para interagir com esses jovens, eu achava que isso não iria funcionar, não iria dar certo. Eu gostava de trabalhar num nível mais abstrato. A coisa realmente me preocupou e eu não tinha tempo para fazer pergunta como é que é, como é que não é, eu falei vamos na intuição. Eu cheguei na sala de aula e comecei, eu fui descobrindo como é importante para eles ver imagens, como é importante fazer um dia que depois de duas semanas, que eu leia com eles em sala de aula...

J – Você lê com eles em sala de aula? Você também?

MA – Com eles, eu também. Primeiro parágrafo. Eu separo no texto porque, em geral, são textos muito longos, então não dá para ler o texto, mas eu separo naquele texto quais são parágrafos que são mais adensados no ponto de vista da teoria, do conteúdo, então aqueles ali eu leio com eles e destrincho aquele parágrafo com eles e vou adiante. “Agora, parágrafo tal.” E nós vamos assim. Eu pergunto “o que vocês entenderam?” Ai sim funciona “o que vocês entenderam” “como vocês leram”, em geral, eles ficam esperando que eu dê o tom da leitura. Mas, isso eu faço com eles. Uma semana que eu digo “olha, essa semana nós vamos ler juntos o texto tal”.

J – E para a avaliação deles, você usa alguma estratégia específica, prova, trabalho?

MA – Olha, a minha avaliação é complicada

J – (risos)

MA – A minha avaliação (risos) na graduação é a seguinte: eu tenho duas provas, quer dizer eu tenho duas notas G1 e G2...

J – A nota do meio e do fim.

MA - Essa nota eu divido em duas, então 5 pontos são exercícios com exposição. Eles são obrigados a expor um pequeno capítulo e me entregar um relatório. Isso cada um deles, não é em grupo não. E 5 pontos são da prova. No final do semestre, a mesma coisa. Isso implica numa certa velocidade porque são algumas turmas, eu tenho muitos alunos, alguns inclusive de outros departamentos e, por isso, se eu quiser ouvir a todos eu tenho que estabelecer um texto curto, que eles falem, entreguem um relatório, etc., etc. Mas, as vezes, a turma é muito grande, estão no último semestre eu permito que sejam grupos de três, quatro alunos. Mas, quer dizer eles fazem quatro atividades por semestre.

J – Na época, você levava duas horas para preparar as aulas da pós-graduação. Eu imagino que você não tenha mais esse tempo para preparar suas aulas de graduação, você consegue reservar um tempo significativo?

MA – Eu reservo, eu reservo. Eu, em geral, não consigo ter uma aula antes de duas horas de reflexão.

J – Ainda com cadernos ou mais as fichas?

MA – Não, as fichas. Hoje em dia são mais as fichas. Os cadernos acabaram. Eu, de vez em quando, consulto os meus cadernos, eu tenho cadernos consultáveis. Mas, essa coisa das duas horas eu acho que é importante.

J – Uma última sobre ensino, eu prometo que já estamos na parte final. Se você pudesse descrever sua experiência mais frustrante como professora, a que mais você achou “meu deus”.

MA – Olha, eu tenho dificuldade com os alunos de PIBIC. É interessante isso. Eles são, em geral, alunos interessados

J – Do PIBIC em geral não apenas dos seus orientandos?

MA – Não, não, os meus alunos, quer dizer a relação com PIBIC. Eu comecei a fazer uma pesquisa informal com os meus colegas. Como eles se comportam com o PIBIC. Porque o PIBIC no geral é um aluno interessado, mas ele não é necessariamente um aluno vocacionado. Para o mestrado vão os vocacionados, aqueles que querem continuar estudando e tal. No PIBIC não é exatamente assim. Eles têm uma relação que tem a ver com a bolsa, uma relação com o PIBIC que tem a ver com uma espécie de prestígio entre professores, mas não é necessariamente gosto por aquilo que o professor estuda. Tanto é assim que, em geral, o PIBIC se candidata para trabalhar com Maria Alice, trabalhar com Eduardo Raposo, trabalhar com Sonia Jacobine e onde der ele fica. O que significa que ele não está necessariamente empenhado no seu tema. Eles são levados muito precocemente a escolherem temas, que, às vezes, são temas

absolutamente impossíveis de serem realizados no curto espaço de tempo e você é obrigado a dizer isso para eles o que já os contraria. E, finalmente, tem um conjunto de atividades de um PIBIC que são atividades que deveriam também ser auxiliares da pesquisa do professor e que quase nunca funciona assim porque eles se vêm, num certo sentido, como sendo extraídos do seu principal interesse quando você pede que eles integrem uma parte daquilo que você está pesquisando. Então, é difícil essa relação para mim porque não está perfeitamente determinado o que faz um PIBIC. Porque eu entendi o PIBIC como auxiliar no plano do conhecimento que eles têm da pesquisa de um laboratório. Então, se você tem um laboratório sobre cidades eles vão desempenhar atividades que seriam construir uma bibliografia, organizar um sistema de leituras que tenham a ver com esse laboratório, construir eventualmente notícias para integrarem um site ou pesquisarem sites internacionais, mas isso não confere a eles a possibilidade da redação de sua monografia que coincide com o momento que eles são PIBIC. Então, tem uma ambiguidade enorme porque, por um lado, eles aceitam ser PIBIC da professora que os aceitar porque tem uma bolsa presente, por outro lado, eles estão escrevendo as suas monografias e essas monografias não necessariamente tem a ver com os laboratórios que eles estão associados. Então, é uma relação de enorme ambiguidade e tem que ser muito hábil para que essa relação não caracterize uma exploração, que eles se sintam explorados por estarem tendo que fazer uma coisa que não é do interesse deles, mas que também não te aborreça no sentido de que você é obrigado a ter um pesquisador júnior que não pesquisa as coisas que o seu laboratório está pesquisando. Eu acho que isso é difícil para um professor sênior. Eu comecei a ter uma facilitação quando os meus alunos de doutorado começaram a assumir essa mediação. Nós todos nos reunimos e os mestrandos e doutorandos terem uma atuação maior na direção das, digamos, ações do laboratório.

J – Você consegue ter uma dinâmica de laboratório?

MA – Não consigo não. Não consigo. Porque o laboratório ele exige que todo mundo tenha um projeto muito parecido e não é a realidade dos programas nem de pós-graduação nem de graduação. De graduação eu acabei de explicar porquê. Os meninos querem ter uma experiência de pesquisa, então para eles ter uma experiência independente do tema de preferência. E para os doutorandos você também tem que ter uma certa cautela para não atropelar a elaboração da tese. Ontem, eu passei um e-mail para o meu orientando e perguntei “Pedro, você está sumido. O que está acontecendo? Estou precisando de você no laboratório” Ele falou “Estou preparando um capítulo da tese”. Pronto “estou preparando um capítulo da tese” é o que

mais me interessa. Mas, evidente que tem atividades do laboratório que dependiam dele e que estão paradas. Mas, essa é eu acho que para mim ainda frustrante, eu ainda não sou capaz, depois de todos esses anos, de dominar, de estabelecer uma dinâmica, digamos, fácil, amável, com essa atividade do laboratório, com esses três, doutorado, mestrado e a graduação. E de tudo isso eu consigo ter mais clareza em como agir no mestrado e no doutorado, mas no PIBIC ainda é para mim nebuloso.

J – Agora saindo do ensino, falando de você como pesquisadora hoje em dia. Como você faz, digamos assim, a montagem dos seus projetos de pesquisa? É muita demanda ainda, ou são com os colegas, ou são ideias suas?

MA – Olha, a demanda hoje é uma demanda que sempre tem a ver com o meu papel público na cidade. Então, por exemplo, eu sou conselheira do IPP, como conselheira do IPP eu conheço não apenas muitos estudiosos do tema, mas também essa burocracia super especializada e preparada que está presente no IPP, que é quem lida com as informações da cidade e mais os órgãos e muitas organizações não governamentais que lidam também com temas referidos à cidade. Então, muitas vezes me chamam para fazer uma intervenção, uma pesquisa tópica, que não passa pelo IPP, mas passa pelas pessoas que eu conheci ali. Sobre a Maré, por exemplo, que foi a minha última pesquisa. Eu levei meu orientando de doutorado e nós fizemos uma incursão na Maré, tinham alguns tópicos para preparar uma exposição que eu faria para a comunidade. Então, é uma pesquisa, um trabalho encomendado, que tem a ver com a cidade. Agora, me chamaram, o departamento de Arquitetura vai trabalhar com Santa Cruz onde aquele hangar, você já esteve lá?

J – Não.

MA – Do Zepelim. Os alemães construíram em 1936 e a aeronáutica que domina toda aquela área, para você ter uma ideia do tamanho daquilo são 2% da superfície do município do Rio de Janeiro, então é uma área imensa que a aeronáutica tem em Santa Cruz e ela quer transformar numa área de visitação, mas também numa área integrada à cidade. Ali é uma região com problemas de toda ordem, favela, violência, milicianos e tal, e como é que você dá sustentabilidade a um museu da ciência, museu da aeronáutica ali. Então, é toda uma conversa sobre aquela região. O ‘Morar Carioca’ que eu participei também. Então, as demandas têm a ver hoje exclusivamente com a ideia da cidade.

J – Mas, elas se transformam as vezes em projetos mais acadêmicos que você se submete ao Cnpq....

MA – Não, é uma agenda diferente, mas, as vezes, ele resulta em dinheiro da FAPERJ ou do Cnpq porque eles também tem a ver com a formação de pesquisadores de graduação e de pós-graduação. Então, são exercícios que uma parte muito pequena de recursos vem dessas instituições, pagam bolsas e tal e é um treinamento para a pesquisa. Mas, de um modo geral, essas pesquisas não envolvem dinheiro e não se traduzem em pesquisas propriamente acadêmicas. Elas são o que o Currículo Lattes chama de projetos de desenvolvimento que podem resultar num site, podem resultar numa intervenção concreta junto com arquitetos para urbanização e desenho de áreas periféricas no Rio de Janeiro, mas são projetos de extensão e desenvolvimento.

J – Você gosta deles?

MA – Eu gosto, eu gosto deles. Eu gosto dessa coisa de pensar o Rio de Janeiro, de ter o mapa do Rio de Janeiro. Eu acho que nos últimos anos eu entendi a importância da espacialização e do território nas pesquisas que eu faço. Isso, por exemplo, eu levei para a minha pesquisa acadêmica. Recentemente, eu trabalhei com a Rua do Ouvidor, um ensaio, era uma pesquisa específica para um ensaio que eu iria fazer nesse livro organizado pelo Adrian Gorelik e a Fernanda Peixoto que se chama ‘Cidades Sul Americanas e Agendas Culturais’. E eu trabalhei especificamente com uma rua, com uma arena cultural, que era a Rua do Ouvidor na passagem do século XIX e XX e precisei de um mapa para mostrar o que representava na dinâmica urbana a Rua do Ouvidor. Então, eu comecei a entender o que significa o território na dinâmica da vida social, quer dizer há uma morfologia que me interessa agora. Isso começa a ser um ponto, digamos, intelectual e acadêmico no meio de pesquisas de intervenção.

J – E quando você monta esses mais acadêmicos, você já tem em mente quando você começa a escrever para submeter, o que você vai fazer no final, vou escrever um livro, vou escrever dois artigos, você já tem uma ideia disso?

MA – Não, não tenho. Mas, essa discussão é praticamente imposta a você, na medida em que você tem que dizer quais são os produtos, eu detesto essa palavra, mas, enfim, quais são os produtos. E os produtos, em geral, são produtos de divulgação científica que quase ninguém se lembra, mas seria ótimo que todo mundo que ganhasse dinheiro público escrevesse para a Revista Ciência Hoje, por exemplo, que é uma revista que eu também ajudo a editar. Ninguém faz, mas é um produto esperado. Então, eu sempre penso: vou escrever um artigo de divulgação, vou fazer um livro mais do que ensaios. A minha geração tinha na pesquisa um objetivo para a construção de um livro. A ideia do artigo e dos ensaios ela não tem a ver com a minha geração.

J – Mas, é imposta hoje.

MA – Hoje em dia ela é imposta.

J – Explicitamente.

MA – Explicitamente, explicitamente.

J – Isso mudou a tua maneira de escrever ou você ainda resiste?

MA – Ela não mudou ainda, mas vai ter que mudar. O problema é o seguinte quando você participa de uma geração que está, digamos, no fim da carreira você é solicitado a integrar coletâneas porque são pessoas que estão produzindo o que seria ou o que deveria ser uma espécie de sùmula daquele tema num determinado momento. Então, os artigos que eu escrevo vão para coletâneas. Nunca eu me defronto, em primeiro lugar, com a possibilidade de enviá-los para uma revista. Isso produziu uma complicação no meu currículo. Não só na maneira como eu sou avaliada pelo o meu Currículo Lattes, eu posso produzir sei lá, três ensaios, quatro ensaios por ano, mas eu não consigo sair de pesquisadora 2 porque é crucial que eu esteja escrevendo para revistas. Agora na PUC, o vice-reitor acadêmico fez uma reunião conosco, com os programas que estão com nota 4 porque nós temos que chegar ao 5, pois bolsas dependem disso, uma série de coisas. Então, eles estão atrás dos artigos para as revistas científicas de boa qualidade, nacionais e internacionais, boa qualidade eles querem dizer, A1 e B1, A1 até B1, A1, A2 e B1. Sendo que o Sucupira se revela um programa muito frágil. Então, nós fomos instados, obrigados a escrever para revistas. E eu estou nesse esforço, nesse empreendimento para produzir para revistas e, portanto, abandonar, pelo menos por um tempo, as coletâneas, a ideia de livros, e produzir para as revistas. É isso que eu tenho que fazer, mas não é isso que vinha fazendo. Então, eu acho que tem um preço, você paga um preço por estar fazendo uma carreira que não é mais admitida como desenho de carreira. A coisa complicada é essa porque existem muitas carreiras possíveis no nosso metier, nós temos ainda uma coisa de atelier, uma coisa de artesanato, que embora as pessoas estejam tentando formatar uma linha de produção isso ainda não ocorre assim. E só passou a ser admitido a boa carreira aquela que compreende determinados itens como, por exemplo, a produção de dois artigos por ano, artigos para revistas científicas, o livro tem importância, mas não é tão valorizado assim, você tem que, enfim... Esse tipo de coisa conduz a um perfil de cientista social que é mais jovem, que tem uma proposta de intervenção que é mais rápida no sentido de fornecer as revistas o que acabou de ser produzido na sua pesquisa, não tem um tempo para fazer com que aquilo que você produziu na sua pesquisa encontre um quadro, uma moldura de referência. Então, por

exemplo, você trabalha com um corpo documental, você constitui logo um artigo e aquilo vira um ensaio, um artigo para revista científica. Deixada a mim mesma, eu não faria assim, amadureceria aquele ensaio que saiu de uma pesquisa com documentos, etc., etc., ou com a literatura que eu estivesse lendo para gerar uma moldura onde aquilo estivesse melhor acomodado, mas não é esse mais o perfil que se exige.

J – Você usou uma expressão interessante “deixada a mim mesma”, você acha que cada vez mais te deixam menos com você mesma?

MA – Muito menos, muito menos. Eu estou agora, por exemplo, vivendo isso com muita intensidade. Para fazer com que esse programa chegue a ter uma posição melhor no ranking dos programas de ciências sociais é preciso que os professores produzam para revistas. Numericamente quando o vice-reitor ou qualquer avaliador vê o que nós estamos fazendo, eles percebem que a produção é boa, a quantidade de coisas, de produtos é boa, o problema é que eles não estão indo para o lugar certo. E eu acho que a geração, a faixa geracional desse programa, é uma faixa geracional que não corresponde as expectativas em termos de construção de um perfil de cientista social que está presente nesse momento. Porque não é que eles estejam dizendo “tem vários perfis”, não, existe um só perfil de cientista social e esse perfil é dado por uma dinâmica que não é mais da nossa geração. Então, quanto mais os jovens ascendem aos lugares de avaliação mais esse padrão se impõe porque é o padrão que tem a ver com a carreira deles. Eles estão lutando para se colocarem nas melhores posições desse ranking, eles têm que deslocar a geração anterior, então as exigências são exigências que dizem respeito a construção do seu próprio perfil. E com isso ou nós somos levados a corresponder a esse perfil ou nós estamos fora de uma batalha que é a de continuar construindo os novos cientistas sociais. Porque eu vejo muito claramente o seguinte a ideia de formação vem perdendo espaço, a ideia da docência vem perdendo espaço, você não tem onde avaliar isso, você não tem um lugar no lattes onde o bom professor se destaque, não há uma pontuação para isso, porque não há uma avaliação do bom professor. As instituições fazem, por exemplo, a PUC tem, eu acho que algumas instituições devem fazer, mas isso não tem um item correspondente no currículo lattes. Então, a docência deixou de ser um lugar que ocupa a sua imaginação profissional, não é isso? Então, se eu tenho hoje 30, 40 anos eu não vou gastar duas horas do meu dia preparando aula para a graduação e mais duas preparando para a pós-graduação, gastando dois dias da semana envolvida com a docência porque eu tenho que produzir ensaios e a produção de ensaios vai fazer com que eu chegue em sala de aula com o que eu tiver ou então levo o meu ensaio para

discutir com eles, o que também é tão dramático quanto eu levar o que eu quiser. Porque o seu ensaio é uma coisa muito específica que você está trabalhando. Então, esse é o dilema. A ideia de o que é ser um professor formador e o que é ser o pesquisador que está na frente de combate com as fontes e produzindo textos e tal. O ideal é que essas coisas estivessem misturadas, mas são concretamente perfis diferentes. O sociólogo docente está em franca extinção.

J – Você falou a coisa do texto. Como é que você escreve? Você escreve aqui ou em casa?

MA – Eu escrevo aqui e escrevo em casa.

J – É a única atividade, digamos, laboral que você faz em casa?

MA – Não, não. Por exemplo, correção, eu tenho que estar muito calma, sentada confortavelmente, com muita paciência, em geral, eu deixo para à noite, eu sento com mais calma, faço um cafezinho em casa, para resolver tudo, com música, para fazer aquela avaliação, então essa é uma atividade que eu sempre levo para casa. Se eu tenho que ler comentários recentes, eu faço uma pesquisa e vejo que o Fulano escreveu um texto sobre Sergio Buarque de Holanda eu vou para casa também, porque aí entra um pouco no meu lazer. Agora, escrever eu escrevo aqui, mas é completamente diferente do que era escrever no IUPERJ porque a universidade ela tem muito mais movimento. Então, aqui na minha sala toda hora tem um aluno querendo falar, um colega querendo falar, e você numa universidade pequena então você está no corredor e encontra com o vice decano, encontra com o decano, “ahh, pensei em você para uma comissão”, então a coisa é diferente, eu escrevo muito em casa. Escrever em casa é mais complicado para mim porque a dispersão é maior...

J – Você escreve direto no computador?

MA – Direto no computador. Eu escrevo direto no computador e cada vez mais. Atualmente, eu pouco sei escrever... por exemplo, eu leio escrevendo, eu leio com a mão, eu tenho uns caderninhos, mas se eu tiver que escrever um texto meu é só no computador. Eu não consigo mais escrever à mão.

J – Você precisa estar com os livros todos ou quando você senta para escrever, mais ou menos, a coisa já está um pouco no sangue bem esquematizado?

MA – Não, está um pouco, não está bem sistematizado mas a minha intuição vai do começo até o fim, como é que eu tenho que preencher esse caminho.

J – Isso é legal. Você tem um plano, mas um plano na cabeça não chega a esquematizar.

MA – Não. O plano está na cabeça inclusive com momentos que eu sei que eu tenho que voltar em alguns livros, por exemplo, para chegar até aqui eu vou ter que retomar aquilo que eu li no

Fulano, onde foi mesmo que eu li aquilo? Aí tem uma certa desorganização na preparação do texto, porque na preparação do texto você vai com os tópicos é mais simples, pois se você vai só na cabeça o texto manda em você um pouco. Eu acho que os meus textos mandam em mim.

J – Você consegue tempo? Você consegue escrever todo dia ou você reserva final de semestre?

MA – Não. Não eu reservo final de semana, eu boto uma coisinha no computador.

J – Final da semana, na sexta?

MA – É aí eu consigo.

J – Você escreve menos hoje do que você escrevia?

MA – Eu escrevo menos hoje, menos hoje. A graduação me tira mais tempo, a coisa de ter um laboratório que eu estou tentando montar a duras penas, o ‘Central – o centro de estudos e projetos da cidade.’ E escrever ficou uma atividade... porque para eu escrever eu preciso estar apenas escrevendo.

J – Naquele dia?

MA – Naquele dia. Senão a coisa de você ficar mudando os registros permanentemente durante o dia você não volta o texto, você não volta com a mesma intensidade, então eu preciso ao acordar de manhã que eu esteja mobilizada com aquele texto e aquilo se materialize o dia inteiro. Atualmente, inclusive eu tenho levado mais para a casa porque é a única maneira de eu ficar de manhã até à noite, com toda a dispersão que a casa sugere, é a maneira que eu tenho de só pensar no texto, mesmo quando eu não estou escrevendo a cabeça está trabalhando, estou cozinhando e a cabeça está trabalhando.

J – Essa parte da escrita a gente já passou.

MA – Agora a coisa da escrita é curiosa pelo seguinte eu sou menos solicitada a escrever, mas estou tendo mais vontade e tenho escrito mais ultimamente.

J – Entendi, antes era mais demanda para você escrever.

MA – É demandas, agora eu tenho mais gosto, coisas que eu quero escrever, coisas que eu preciso escrever.

J – Agora, vamos finalizar com essa parte mais pública que eu sei que você gosta. Vamos começar com esse micro mundo da universidade, você tem cargos, você atua como representante, em comissões?

MA -Tenho, tenho. Eu já fui coordenadora da pós-graduação aqui. Eu tinha acabado de chegar, o doutorado começou no ano que eu cheguei, um pouquinho antes, então o doutorado era muito jovem quando eu vim para cá. Eu fui obra do Roberto junto com os professores daqui, Roberto

da Mata, depois de mim é que veio o Werneck. Mas, o doutorado saiu e eu cheguei praticamente, e então, imediatamente depois eu me tornei coordenadora do programa de pós-graduação. E agora eu faço parte de um conselho de ensino e pesquisa que é um lugar na universidade onde você discute questões acadêmicas que envolve desde a configuração da biblioteca à organização de uma editora, o que significa ter uma editora universitária, até ética em pesquisa que são os processos que chegam para a gente, mudança de programa, mudança do organograma universitário...

J – Você gosta? Você falou de um jeito...

MA – Você sabe que eu não gosto.... Às vezes, eu gosto de algumas sessões, gosto menos de outras. Mas, eu acho que aquele é um lugar que você tem acesso ao conjunto da universidade. Porque você sabe o que está acontecendo nos departamentos de todos os centros, a dinâmica deles, os representantes, o que eles acham da disciplina de Física, sai Física e passa a integrar outro núcleo de pesquisa, enfim, eu acho legal, eu gosto.

J – E no caso das suas atividades públicas, você já mencionou algumas, o que você está envolvida hoje que não está voltada para o público acadêmico, seja alunos, seja pares? O que você está fazendo hoje?

MA – Eu tenho esse lugar do conselho...

J – Não, mas para fora da universidade também.

MA – Não, o conselho do Instituto Pereira Passos.

J – Ahh, é uma representação.

MA – É uma representação. Quer dizer o conselho existe desde sempre, nessas instituições, nesse tipo de instituição, mas esse conselho foi montado há alguns anos e ele é um conselho que tem a presença muito forte de atores universitários, acadêmicos, então, eu encontro com a Silva Ramos, que trabalha com violência, encontro com arquitetos, que são não apenas do IAB, mas também professores da escola de arquitetura da UFF, da UFRJ. E aí é a discussão de produção de informação e de tornar pública essa informação. Eu estou muito curiosa e ao mesmo tempo entusiasmada com a ideia de se fazer um site, já existe um site no IPP chamado armazém de dados, mas tornar o armazém de dados mais amável e mais facilmente tratável por um cidadão comum. Porque, atualmente, você precisa ter uma mediação técnico científica, quer dizer um professor tem que explicar mais ou menos como acessar aqueles dados, eu mesma tenho dificuldade com alguns deles, mas a ideia é fazer uma coisa como tem em algumas cidades americanas onde você quer saber qual é área de influência de uma pracinha, quantas

peessoas ela mais ou menos agrega, a que bairros ela, na verdade, está servindo, isto vai ser possível através dessa reforma do sistema de informação do Instituto Pereira Passos. Então, isso não tem nada a ver com vida acadêmica, mas é um momento em que a produção intelectual ela se torna também uma agência política. Porque hoje em dia a informação é política, então se você é capaz de dizer ao morador qual é a abrangência daquela praça, quais são os usos, quem está ali, ele muito mais facilmente será capaz de deliberar ou de solicitar aos órgãos públicos sobre eventuais alterações, mudanças, quer dizer um momento onde a cidadania pode ter acesso a dados que ajudem a sua auto-organização, o problema da democracia é a auto-organização. Então, esse tipo de informação eu acho que é uma variação técnico científica de programas, digamos, de intervenção política.

J – E o Ciência Hoje, você continua?

MA – Continuo, eu sou tanto da infantil quanto da Revista Ciência Hoje. E existe a Revista Ciência Hoje para criança.

J – Você é do conselho?

MA – Eu sou do conselho editorial o que significa que a gente lê todos os artigos, propõe autores, mudança na linguagem, ilustrações, fazemos críticas das tabelas, das ilustrações. Também é um lugar que eu adoro ir porque é um lugar onde estão cientistas de outras áreas.

J – Você vai fisicamente?

MA – Fisicamente.

J – Que é onde?

MA – É na Urca.

J – Nada mal.

MA – É ali é fácil, ali é bom. Nós temos uma sala que a gente se reúne pelo menos duas vezes por mês para fazer a crítica da revista e a construção da que ainda vai sair, então é muito bom, é muito bom, eu me divirto muito. Eu tenho muito prazer com as coisas que eu faço, gosto de cada uma delas, às vezes, eu acho que faço coisas demais, mas daí eu penso vou sair desse, mas, eu penso, mas como eu vou sair desse? Não posso. Vou deixar de ser editora, vou deixar de ir para o IPP, mas essas são coisas constitutivas da minha alegria, da minha profissão.

J – Você teve alegria também na ANPOCS?

MA – Eu tive alegria, mas a ANPOCS quando eu fui presidente...

J – Que foi em 2002, 2004, por ai não foi?

MA – Não, não me lembro. Depois nós temos que conferir isso. O fato de eu ter um secretário em São Paulo, e uma presidência, e ali também houve uma mudança, eu acho, quando eu entrei, não sei se já vinha se manifestando antes, mas quando eu entrei foi muito visível. O presidente era uma figura mais de representação institucional e o secretário era quem atuava de fato. Tanto que, digamos, os organizadores reais da ANPOCS todos eles foram secretários não eram os presidentes, mas a partir de um certo momento quem poderia ter essa figura da representação, da grande representação geracional já tinha sido coberto, que não necessariamente eram conhecidos por todos e não necessariamente tinham uma ideia de fazer uma presidência com aquelas características. Eu, por exemplo, achei que não era esse o meu papel. Então, a minha atividade foi a de também reconstruir um pouco o que eu achava que deveria ser a ANPOCS. Eu acho que tinha duas coisas que eu queria fazer, uma eu consegui e a outra não. O que eu queria fazer era emprestar a ANPOCS algo além de uma instituição que se reúne uma vez por ano para fazer um seminário. Isso eu queria mudar, eu queria que ela tivesse uma atividade permanente, que ela fosse um lugar de vocalização dos cientistas sociais e ao mesmo tempo de formação de professores que estão mais longe ou que chegaram mais tarde no sistema nacional de ensino e pesquisa. Então, por exemplo, fazer cursos que a gente pudesse dar no Pará, no Amazonas. Isso eu consegui mais ou menos porque eu fui para a FINEP e consegui muito dinheiro na FINEP para fazer uma nova ANPOCS, uma reinstitucionalização da ANPOCS porque essa ideia de cursos que era uma coisa importante na dinâmica do projeto não poderia ser pago porque os professores já eram professores de universidade federais e isso acabou minando um pouco, essa parte do dinheiro foi cortada, a FINEP acabou dando mais para a construção do portal, que eu acho que foi a grande obra que eu tive a possibilidade de fazer, que foi a construção desse portal brasileiro das Ciências Sociais, chama-se assim ‘Portal das Ciências Sociais Brasileiras’, que foi com o dinheiro da FINEP conseguido na minha gestão. O que eu também não consegui foi fazer com que a ANPOCS integrasse mais as outras experiências associativas de cientistas.

J – As três associações?

MA – Não as Ciências Sociais. Eu queria que ela tivesse uma interlocução mais ampla, com as três certamente, embora entre as três naquele momento já se pronunciava algo que eu venho sentido que é afirmação disciplinar em detrimento da ANPOCS. Então, já era meio complicado porque eu acho que a única que realmente bancou que deveria ficar dentro foi a SBS porque as outras começaram um movimento sutil, mas de relativo distanciamento. E muita gente hoje

não vai mais a ANPOCS, vai a ABA, ABCP, ou a SBS. Mas, no que se refere as outras ciências era trazer, por exemplo, para um diálogo com os museus científicos, com as associações de físicos, etc., etc. Em um dos anos eu cheguei a fazer em Caxambu, não sei se você foi, eu acho que foi no meu último ano uma espécie de feira de ciências, que ocupou parte, algumas ruas, então teve atividade.

J – Para a comunidade local?

MA – Para a comunidade local. Na época, nós demos muita entrevista para rádios. A ideia era fazer de Caxambu um lugar onde se pudesse ter todo ano uma discussão sobre ciência porque a cultura científica é algo que ainda não chegou na sociedade brasileira, o que é a cultura da ciência? O que é cultura científica? E isso eu queria muito que nós tivéssemos conseguido, mas nem foi entendido como um programa para a ANPOCS, eu acho que não contou com, digamos,

J – Entusiasmo, adesão?

MA – Entusiasmo e adesão. E nem se conseguiu fazer pelo trabalhão que era você juntar museus de ciência, grupos de ciência, mas eu, por exemplo, achei um máximo, eu vi coisas da apresentação de jovens físicos, de professores que vieram de todo Brasil, o museu de história natural que também expôs no parque. Eu me diverti muito e acho que os moradores de Caxambu também. Eu me lembro de ter entrado numa célula, era uma célula grande que a gente entrava e tinha as explicações, o cara ia explicando, eu lembro de ouvir um garoto falar que queria ser cientista, um menino falando para a mãe, “mãe, eu quero ser isso”. E isso eu acho que é a função de uma entidade que agrega cientistas e que deveria estar preocupada com a construção e disseminação da ideia de ciência, da cultura científica.

J – Última pergunta Maria Alice, você sempre foi também uma pessoa da vida política, seja partidos, seja fora de partido, como está essa conexão na sua vida hoje? Partidos, movimentos, existe? Não existe?

MA – Não... existe, mas não... eu estou fora, estou muito fora disso. Primeiro, porque os partidos se tornaram ficções. Não tem mais a preocupação em construir uma base social, eles não têm mais esse tipo de relação. Segundo, que a vida associativa ela está muito, digamos, colonizada, colonizada talvez não seja uma boa palavra, mas, ela está mais impermeável a figuras da universidade. As ONGs se tornaram lugares de produção de conhecimento social, então elas cumprem perfeitamente bem o papel que antigamente os cientistas sociais cumpriam. Inclusive porque são doutores, inclusive porque foram meus alunos, inclusive porque foram nossos alunos, que hoje não trabalham na universidade e trabalham junto aos movimentos

sociais, enfim, nas diferentes frentes culturais, eles estão aí. Esse é um grande lugar de experimentação do trabalho dos cientistas sociais, então eles suprem completamente essa carência que existia que era da universidade, de alguma forma do trabalho universitário, da pesquisa acadêmica junto aos movimentos sociais, eu acho que isso diz respeito ao fortalecimento do papel das organizações não governamentais, que, por exemplo, para quem não está em uma delas, para quem é apenas um membro da universidade, está apenas na universidade, é difícil de entrar. Eventualmente, você é convidado para um seminário, você não é parte exatamente, você interage com as pessoas que estão operando. Quando você tem um grande projeto como o ‘Morar Carioca’ você é convidado pelas secretarias, não pelas ONGs, mas pelas secretarias para fazer novamente uma pesquisa, uma avaliação, um seminário, mas a ideia de estar permanentemente no embate social, no movimento social, eu não estou mais. Não sei... eu acho que essa fase já passou, quer dizer, da universidade que está presente nos movimentos. Eu acho que isso já assumiu uma outra configuração. Também eu não faço parte de uma percepção do cientista social que se transmuta em militante, esse personagem também não me interessa muito, quer dizer, você ter um lugar de fala que é o da sua imersão, eu acho que a universidade é outra coisa.

J – Isso nem no tempo do partido, você tinha?

MA – Não, nem no tempo do partido. Era outra forma. A gente da época do partido e depois mesmo quando nós não estávamos mais organizados e eu também não pertencia mais ao MDB, nós tínhamos a Revista Presença. A Revista Presença era uma canalizadora, digamos assim, dessa relação porque não era universitária, não estava dentro da academia, mas, era uma revista de opinião, era uma revista de afirmação de agendas, de formas de intervir e etc., sem se misturar com a universidade. Eu acho que a universidade é um lugar muito importante para você lidar com formação. E, as vezes, a vida social ela empresta pouca, pouca atenção a isso. Agora, eu gosto dessas ONGs que tem uma dinâmica, que tem uma dinâmica formativa também. Eu acho que essas são mais interessantes para mim, ou seja, aquelas que ao mesmo tempo que organizam elas são capazes de apresentar metodologias de trabalho, formas de construir memória, eu acho que essas são ONGs mais produtivas. Eu fiquei muito surpresa, e muito bem impressionada com todo material, por exemplo, que a rede da Maré, que é uma organização não governamental, tem produzido. Pesquisas, estatísticas, livros de memória, fóruns...

J – É como se a ciência social tivesse vencido. Tanto que dispensa o cientista social dentro da universidade, venceu o argumento dentro dos lugares.

MA – Exatamente, exatamente, é isso aí. Aliás, foi o que eu escrevi há alguns anos atrás, aquele artigo sobre intelectuais e organizações na Revista Brasileira...

J – Na RBCS, né? É um ponto seu antigo já...

MA – É antigo. Eu tenho um amigo que fala assim para mim “Maria Alice, eu acho que você deveria parar de ter intuições porque o que você intui acontece.” Ele estava criticando essa massificação das Ciências Sociais, os alunos mais pobres, etc., etc. E isso estava lá no artigo que a gente escreveu lá em 2000 e tanto. Agora, as ONGs, a presença das ONGs e o deslocamento, em certo sentido, da universidade, mas também está num artigo que foi publicado em 2009, talvez, não me lembro mais quando foi publicado, mas, é um argumento antigo onde eu mostro essa tendência de caminharmos para as ONGs, qual é o papel das ONGs, enfim.... Então, são profecias que se autorrealizam (risos).

J – Com essa eu encerro, obrigado querida.

[FIM DO DEPOIMENTO]